

Nos meus grupos e nas minhas companhias, há amigos “aliados” do meu coração e dos seus desejos mais profundos?

Eu também encontrei, como os discípulos, uma Amizade cheia de uma promessa de vida?

Quem me acompanha, no dia a dia, para eu ter mais certeza do valor da minha vida?

«VIVO QUER DIZER PRESENTE»

Introdução* - 1



Foto Luigi Ghirri, *Caserta*, 1987. Da série *Un piede nell'Eden*.
© Eredi Luigi Ghirri.

Saudação

por Julián Carrón

Boa noite a todos!

O meu amigo padre Andrea convidou-me para vos saudar no início deste gesto e aceitei de bom grado. Enquanto pensava no que poderia dizer-lhes, veio-me à cabeça o que tinha ouvido alguns de vocês dizerem no encontro por Zoom que fiz há uma semana (26 de março) com alguns finalistas. Fiquei impressionado com o drama da existência que vibrava neles: um dizia-me que estava a ver a sua vida desvanecer, outro disse que o entusiasmo inicial se apagara há algum tempo, outro sublinhava como estava apático e como nada o atraía, e outro ainda perguntava como poderia aproveitar as coisas da vida. A este “apagamento” da vida, a esta apatia, a esta falta de entusiasmo só é possível responder com a vida. Nenhum tipo de raciocínio e »

* A Saudação de Julián Carrón e a Introdução de Andrea Mencarelli no Tríduo Pascal dos Liceus durante a Quinta-feira Santa (1 de abril de 2021).

» nenhuma regra são capazes de dar uma resposta adequada!

Pensei logo em João e André, os dois primeiros que seguiram Jesus. Também eles, em algum momento, devem ter visto a vida apagar-se, devem ter sentido uma apatia ou uma falta de entusiasmo. Mas, assim que viram Alguém em quem a vida explodia, ligaram-se logo a Ele! Foi fácil reconhecê-Lo; o cristianismo é fácil, pois responde a uma falta que percebemos em nós, a alguma coisa à qual as nossas tentativas não são capazes de responder. É fácil identificar a vida quando nos falta precisamente a vida! Não é preciso frequentar um curso numa qualquer universidade do mundo, pois todos temos o detector para identificar a vida onde ela está!

Mas uma pessoa poderia pensar: «João e André tiveram sorte... e nós? Continua a acontecer, permanece na história aquela vida que encontraram, pela qual se ligaram a Jesus?» Sim! A mim aconteceu-me encontrar um homem em quem identifiquei o mesmo ímpeto de vida! Chamava-se *don* Giussani: assim que uma pessoa o ouvia falar, não era menos atraída do que o foram João e André. Também a mim, como a João e André, me aconteceu sentir-me ligado a ele, a ponto de desejar não o perder mais, não o deixar escapar para o resto da vida.

É esta vida, que recebemos, que nos faz viver.

Por isso convido-vos a prestar atenção – como fizeram João e André –. Não é preciso uma preparação especial; basta simplesmente estarem atentos para identificar a vida, onde quer que ela se manifeste, assim que surge diante dos vossos olhos. É fácil de reconhecer: basta o sobressalto do coração que ela provoca e o desejo de não o perder. Talvez precisamente nestes dias – se estiverem atentos –, em algum momento deste encontro, já possam surpreender em vocês este sobressalto, da maneira imprevista com que tantos de vocês já o identificaram em outros momentos (esta noite estão aqui por isso).

Eu não desejo mais nada, para que a vossa vida se realize, a não ser que possam encontrar uma resposta ao apagamento da vida. Desejo que encontrem alguém que vos faça sentir o sobressalto diante daquilo que Jesus introduziu na história. Começemos todos juntos a pedir isso desde agora. Com este canto inicial, peçamos ao Espírito que possamos identificá-lo.

Descei Espírito Criador¹

«Eu chamo-vos amigos» (Jo 15,15)

por **Andrea Mencarelli**

Sejam todos bem-vindos! Sobretudo quem decidiu participar pela primeira vez no Tríduo dos Liceus sem saber bem de que se trata e está a fazê-lo desta forma desconhecida. Fiquem sossegados, porque ninguém estava preparado e, desse ponto de vista, somos todos “marinheiros de primeira viagem”! Por isso, esta noite e nos próximos dias vamos ver se aproveitamos bem. Estamos todos no mesmo barco, então ajudemo-nos a remar juntos e, sobretudo, deixemos que o mar nos leve. Coragem!

1. Houston, we have a problem!

No ano passado, por esta altura, julgávamos estar num período que dentro em breve iria acabar, permitindo-nos assim retomar a nossa vida de sempre e voltar a «fazer tudo aquilo que não se podia», como cantava no verão a Alessandra Amoroso. Em vez disso, encontramos-nos ainda num tempo cheio de desafios – como nos recordava há pouco o Julián na sua saudação –, de sacrifícios e de descobertas, um tempo de homens. »

¹ CNBB, J. Schweitzer, “Descei Espírito Criador”, in *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, pp.155-156.

» Houve um facto nestas semanas que me marcou muito, que não tem a ver com a pandemia. No último dia 19 de fevereiro, o *rover* Perseverance pousou em Marte (não sei se sabiam isto, mas também aconteceu!). As primeiras imagens, no mínimo emocionantes, mostraram uma paisagem impressionante. Vejamos juntos este breve vídeo.²

As imagens – uma loucura! – revelam um terreno rochoso, com sulcos escavados no terreno que, de acordo com os cientistas, poderiam ser sinal da presença de água líquida há alguns milhões de anos. São notícias interessantes para os interessados na matéria e certamente sugestivas também para nós, sempre desejosos de descobrir coisas novas. Porém, se parássemos por mais um instante e nos perguntássemos o que há em Marte hoje (não há milhões de anos, mas hoje), facilmente responderíamos: um grande deserto.

Para sermos sinceros, não precisamos de percorrer 470 milhões de quilómetros, como fez o *rover*, para encontrar um grande deserto, porque de facto, podemos ficar na Terra, confortavelmente deitados no sofá ou sentados diante duma tela para uma aula online, como aconteceu com todos nós neste último ano, para experimentarmos essa solidão típica de quem está diante de um deserto.

Mas que sentido tem o deserto? Que sentido tem a solidão? Que sentido tem a minha vida? São perguntas que reapareceram inúmeras vezes. Um aluno meu muito simpático disse-me um dia na chamada: «De manhã eu acordo e vejo o meu cão a dormir calmamente: come, dorme, sai para passear. Sem problemas. Professor, eu tenho inveja do meu cão». O Carrón desafiava-nos sobre estes temas na Jornada de Início de Ano dos Liceus, quando perguntava: «Não teria sido mais simples nascer como um dos muitos seres que se movem segundo leis fixas? Ou como aqueles seres vivos que não compreendem e não têm de “resolver” o enigma da vida?»³ Procurar água no deserto não é só uma coisa de Marte, uma coisa para especialistas, mas é um problema que nos toca a todos e à nossa urgência de viver como homens e não como animais, numa zona vermelha, num quarto, fechados por causa de uma quarentena ou diante da terrível notícia de uma amiga que tirou a própria vida. Tudo de nós, o nosso corpo, a nossa razão e o nosso coração, sente vibrar o aspeto concreto destas questões. «Certas perguntas constituem-nos como homens. Por isso, bem-vindos ao mundo dos homens, dos homens conscientes de si!»⁴, dizia ainda o Carrón.

Então, o primeiro apelo que temos de nos fazer esta noite é a uma lealdade para com nós mesmos. Não se preocupem em serem diferentes do que são, não eliminem nenhuma das perguntas que se agitam no vosso coração. Entendamo-nos: não porque seja tudo bom e fácil, pois determinadas perguntas pesam dentro de nós como um jugo, mas para nos levarmos a sério, até ao fundo, que é também a única condição para vivermos estes dias realmente como uma oportunidade, para os aproveitarmos sem nos contentarmos com um sentimento morno ou com a repetição de cerimónias vazias. É mais ou menos como quando vais ao dentista: a princípio, vais ao dentista porque tens dores de dentes. Se fosses lá fingindo estar bem ou para agradar ao dentista, serias um tonto. Por isso, esta noite, tenhamos um momento de ternura por nós mesmos! Levemo-nos a sério e perguntemo-nos como estamos. Talvez este seja um pequeno passo para a humanidade, mas com certeza é um grande passo para o caminho pessoal de cada um de nós.

Escreve uma de vocês num contributo: «De fevereiro em diante, perdi-me completamente. A escola, metade à distância e metade presencial, os professores que nos sobrecarregam de atividades, de tarefas na aula, as relações de amizade que parecem ter-se apagado: na minha cabeça só há muita confusão. Não tenho a noção do tempo, sinto-me como “vítima” do tempo». »

² [Perseverance sees Jezero Crater rim in 360° Mars panorama](#)

³ J. Carrón, *Vês só aquilo que admiras*, Nota do Dia de Início de Ano dos Liceus com Julián Carrón e Francesco Barberis, por videoconferência, 10 de outubro de 2020, p. 6, clonline.org

⁴ *Ibidem*.

» Outra conta: «Sou apenas uma máquina. Recebo instruções e executo-as. Perdi a minha identidade e dignidade. Sou igual aos outros: faço as mesmas coisas que eles fazem. Eu tenho as mesmas obrigações do que eles, por isso ajo exatamente como eles. Sou apenas parte de uma massa. E tenho medo. Medo de que ninguém me reconheça mais. Medo de não conseguir reconhecer-me diante do espelho. Nos meandros da minha massa cinzenta ecoam as ordens “faz sozinha”, “revê”, “precisas de estar preparada”, “aguenta as lágrimas porque tens de te mostrar forte”, “não há tempo para a fragilidade”. São as minhas vozes. Os meus pensamentos não servem para nada. É melhor não pensar nisso, aliás, é melhor nem pensar».

Nos testemunhos destas nossas amigas encontra eco o génio literário de alguns grandes autores que souberam captar bem o drama humano comum.

Numa obra sua, Paul Claudel escreve: «Como estou sozinha aqui! Meu bom Deus, como estou sozinha aqui e como me sinto estrangeira! Tudo ao meu redor me é hostil, e não há lugar para mim. Até as coisas ao meu redor parece não me verem, parece que não estou aqui... A realidade está ausente, a vida verdadeira está ausente».⁵

E, por sua vez, o prémio Nobel Pär Lagerkvist diz assim: «É um período triste e opressor. Com dificuldade, o dia arrasta-se até que chega finalmente a noite».⁶ Quem de nós não “sentiu” a opressão de alguns dias que pareciam como que vazios, de tal forma que ir para a cama à noite parecia quase uma libertação? Depois, porém, acordávamos. Edgar Allan Poe descreve isto assim: «Não abria ainda os olhos. [...] Desejava, mas não me atrevia a fazer uso dos olhos. Receava o primeiro olhar sobre as coisas que me cercavam. Não que me aterrorizasse contemplar coisas terríveis, mas tinha medo de que não houvesse *nada* para ver».⁷ Ausência e solidão, à nossa volta e dentro de nós, em Marte ou na Terra: para usar a expressão dos astronautas num filme famoso, poderíamos dizer: «Houston, temos um problema!» Porque confusão, apatia, medo e incerteza (como contavam estas nossas amigas) são elementos que todos nós surpreendemos na vida destes meses. Pensemos também nas perguntas insistentes (as perguntas que aquela rapariga ouvia repetir na sua cabeça), as perguntas que nos foram marteladas diariamente pelos telejornais, pelas conversas e pelas assembleias na escola: quanto subiram os contágios hoje? As vacinas funcionam? Vão reabrir as escolas? E o PCTO (*Percurso para as competências transversais e para a orientação*, programa escolar italiano, NT.)? E os exames? E a carta de condução?

Contudo, ser leal consigo mesmo não significa apenas denunciar um forte estado de espírito, que até pode ser um ponto de partida, o mais fácil de todos. Significa antes entrar em profundidade na própria experiência, sem permanecer nos sintomas da superfície. Vais ao dentista porque tens dores de dentes, depois sentas-te e ele tenta perceber, manda-te abrir a boca, pega no tubo, dispara o jato de ar para ver se tu reages, até que num dado momento diz: «Aqui está o problema, tem uma cárie!»

Este ano, cada um de nós foi à procura de água no deserto, de alguém ou de alguma coisa que o ajudasse a responder às “dores de dentes”. Como pergunta um de vocês: «Como é que posso abrir os olhos mesmo nesta situação? Quem me apoia?»

Vamos ouvir agora uma música:

Million reasons

«Eu inclino-me para rezar / Tento fazer o pior parecer melhor / Senhor, mostra-me o caminho / Tenho cem milhões de motivos para me ir embora / Mas só preciso de um bom motivo para fi- »

⁵ P. Claudel, *Il pane duro*, Milão: Massimo, 1971, p. 102.

⁶ P. Lagerkvist, *Il nano*, Milão: Iperborea, 1998, p. 111.

⁷ E.A. Poe, *O poço e o pêndulo*, <https://www.raquelcantarelli.com.br/post/o-poco-e-o-pendulo>.

» car». ⁸ Também nós temos milhões de razões, teríamos milhões de razões para nos deixarmos levar e para expressarmos toda a nossa dificuldade (como, aliás, tantas vezes fazemos), temos muitos motivos para estar cansados e zangados. Mas temos de nos perguntar (precisamente por esse amor a nós mesmos) qual é o motivo que nos junta aqui esta noite. Porque há um! Ou, pelo menos, um pedacinho de um deve haver: «*Just a little bit's enough*», dizia a Pink noutra canção muito bonita, que poderia entrar em diálogo com a de Lady Gaga. ⁹ De facto, nós este ano não viemos ao Tríduo habitual, no formato que todos nós (principalmente os mais velhos) conhecemos: não estamos no pavilhão de Rimini, depois de uma viagem fraterna de autocarro, não passámos a nossa última hora “a dar mais cinco” para cumprimentar os amigos nos hotéis; não invadimos as ruas de Rimini. Em suma, não há nada que esta noite nos tenha levado automaticamente a juntarmo-nos aqui. Muito pelo contrário: cada um em sua casa, diante da enésima tela. Nada mais além do próprio “eu”. E isso será para os três dias, porque não haverá ninguém que nos possa obrigar a fazer nada, como neste momento: enquanto eu estou a falar, qualquer um de nós pode fazer outra coisa, pode postar uma história nova no Instagram, pode ver uma série, pode entrar na internet e ver todos os *sites* que quiser. Não há ninguém para te dizer: «Presta atenção» ou «Liga a câmara», como fazem os vossos professores. Precisamente por este motivo, a pergunta torna-se ainda mais radical do que seria se estivéssemos reunidos presencialmente: que razão te fez ligar-te esta noite e, contigo, tantos outros amigos?

2. «Eu vos escolhi do mundo» (Jo 15,19)

Para responder a esta pergunta, não é preciso inventar respostas sofisticadas. Basta olhar com atenção para o próprio caminho, como sugeriria Alexis Carrel: «Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade». ¹⁰

Uma rapariga escreveu contando que convidou os seus colegas de turma para visitarem um jovem amigo gravemente doente. Diante dele, que enfrenta esta situação com esperança e sem se deixar abater, aqueles companheiros (dos Liceus e não só) dispararam uma rajada de perguntas. Um pergunta: «Como é que ele consegue, sozinho, dar um sentido a isto? Por que razão está grato, apesar de tudo, apesar da doença? Como é que faz para não se zangar com Deus?» Mas dão espaço também para outras perguntas mais pessoais: «O que preenche o *meu* coração?» Desse encontro nasceu uma relação nova entre aqueles jovens: «Hoje – continua a rapariga – aconteceu uma coisa grande. Hoje encontrei-me de novo com todos eles como se tivesse sido a primeira vez, mas também como se os conhecesse de toda a vida. Com uma colega de turma – que conheço desde o infantário – nunca fui assim, como depois destas últimas semanas. E ela, em lágrimas, hoje agradece-me, porque este encontro não foi de uma hora, mas é um encontro da vida!» E conclui: «O ano passado, a quarentena, foi a viragem da minha vida. Tudo o que acontece a cada instante me parece um milagre. Não significa que tudo seja fácil e bom, mas que tudo o que é posto aí é para mim». Onde tudo parecia árido, como a doença, ou óbvio (os colegas de turma desde os cinco anos ou até desde o infantário), acontece alguma coisa que regenera o tecido dessas relações!

Só por todas as grandes perguntas que apareceram e pelos muitos factos que vocês contaram – chegou uma avalanche de factos como estes; chegaram inúmeros contributos e muitas deles relatavam factos inesperados, imprevisíveis e gratuitos, que deram um novo início ao caminho de muitos –, só por isso podemos já ter a certeza de que este não foi um ano desperdiçado na »

⁸ «*I bow down to pray / I try to make the worst seem better / Lord, show me the way / To cut through all his worn out leather / I've got a hundred million reasons to walk away / But, baby, I just need one good one to stay*» (Lady Gaga, “Million Reasons”, do álbum *Joanne*, Interscope Records, 2016)

⁹ Pink e Jeff Bhasker, “Just Give Me a Reason”, do álbum *The Truth About Love*, RCA Records, 2012.

¹⁰ Cf. A. Carrel, *O homem perante a vida*, Porto: Educação Nacional, 1959, p. 33.

» nossa vida! E desafiem quem insiste em vos dizer o contrário, dizendo que é um parêntesis; não, não é verdade!! Como diz o filósofo Emanuele Severino, «o olhar que vê crescer o deserto não pertence ao deserto. Está “noutro sítio”». ¹¹ Há algo que vibra em nós, ainda que muitas vezes de forma confusa, e é por causa desta vibração que eu e tu, ainda que à distância, ainda que nunca nos tenhamos visto antes, estamos juntos esta noite como amigos em caminho.

Uma vibração, uma inquietude do coração, um rosto amigo foram o motivo pelo qual, numa outra noite, há dois mil anos, também os discípulos tomaram parte naquela ceia, a última, com Jesus. Estavam ali com Ele não para preencher uma noite vazia, para matar o tempo, mas para não perderem o fio de uma amizade que atravessara a sua vida e os tinha juntado apesar das suas diferenças.

Com efeito, havia um elemento que ligava a vida de Pedro, João, Tomé, Judas, mesmo na diferença de seus temperamentos: ninguém tinha produzido aquele encontro, ninguém tinha criado aquela amizade, mas todos tinham sido, de uma maneira ou de outra, alcançados por Jesus: a ordem dos fatores inverte-se e, neste caso, altera o resultado. De facto, Ele dizia-lhes: «Eu vos escolhi do mundo». “Escolher” quer dizer “eleger”, “preferir”. Como se Jesus lhes tivesse lembrado: «Eu fui buscar-vos onde estáveis, no vosso deserto, no vosso barco, em cima da figueira, são, doentes, zangados, pecadores... nada disso foi uma objeção para que eu vos preferisse como “meus amigos”, gratuitamente». Então, se eu e tu estamos aqui, ligados no sigilo do nosso quarto, é porque ao menos uma vez sentimos na própria pele a experiência de termos sido amados por alguém gratuitamente. Não por termos demonstrado alguma coisa e não por termos chegado aos mil seguidores ou aos dez mil inscritos no nosso canal do Tik-tok, mas de forma gratuita, inesperadamente.

Para cada um dos discípulos, o encontro com Jesus tinha tido o efeito imediato de um verdadeiro e autêntico renascimento, pois «o eu renasce num encontro». Um renascimento que se expressava numa unidade nova com eles mesmos e com a realidade: já não um eu solitário e fragmentado em mil pedaços, como nos acontece diariamente (a escola, a família, os amigos, os amigos dos Liceus, os outros amigos, a carta de condução), mas um eu unido, presente, criativo, protagonista das próprias escolhas, incluídos os próprios erros.

Dentro deste renascimento dos discípulos, havia sobretudo uma alegria profunda. De facto, nada nos move e nos faz sentir a realidade “amiga” como quando temos o coração em festa. Como quando a rapariga a quem fizeste a corte durante meses finalmente te diz “sim”, quase “esgotada” com a tua insistência, e tu não cabes em ti de contente e por isso chegas a casa aos saltos, e a tua mãe ao ver-te pergunta-te: «Estás bem?», e tu respondes: «Sim, sim, mãe, claro que estou bem, que pergunta!» E até levantas a mesa depois do jantar e lavas a louça, e os teus pais ficam perplexos, porque pediam-te, ameaçavam-te, pagavam-te para tu fazeres alguma coisa, levar um copo, lavar o copo ou a xícara de café em vez de deixá-la no lava-loiças, e tu nada. Depois vem uma noite e fazes tudo, tudo e mais alguma coisa, sorridente, com o coração feliz!

Aquele encontro, neles (nos discípulos) e em nós, semeou uma alegria inesperada, como o início de alguma coisa nova. Alguma coisa que todos nós queríamos que pudesse crescer e tornar-se cada vez mais nossa.

Por isso, cantemos juntos «Il seme». ¹²

Il seme

3. «Permanecei em mim» (Jo 15,4)

Como é que a semente cresce? Como é que essa alegria do início faz para se tornar cada »

¹¹ Cf. E. Severino, *Techné. Le radici della violenza*, Milão: Rusconi, 1979.

¹² C. Chieffo, “Il seme”, in *Cancioneiro*, op. cit., p. 280.

» vez mais estavelmente presente e cada vez mais plena em nós? «Para que a vossa alegria seja completa, permaneçei em mim», disse Jesus aos seus amigos.

Não é que os discípulos tivessem percebido todas as suas palavras, como também nos acontece a nós não percebermos logo todas as palavras, como com as fichas dos Liceus consideradas “difíceis”, mas isto acontece sempre (não perceber tudo imediatamente). De vez em quando, os discípulos também devem ter ficado a repetir as palavras que Ele tinha dito, mesmo sem terem apreendido o seu significado profundo. E repetiam-nas porque eram as palavras de Jesus. Numa relação, é normal repetir. De certa forma, é como quando em pequenos aprendemos a dizer palavras: não é que estivessemos a par do significado exato do que estávamos a dizer, mas repetíamos porque um amigo mais velho os dizia. Nós vivemos tentando fazer nossas as coisas que vemos nos nossos amigos. Mas se isto é válido para as parvoíces, como no exemplo dos palavras, mais vale ainda para as coisas que prometem vida, que são como água no nosso deserto, como era ouvir as palavras de Jesus para os seus discípulos.

Há um episódio famosíssimo em que Jesus, depois de ter multiplicado os pães e os peixes e ter saciado milhares de pessoas, vendo que todos acorriam a Ele para comer, lhe disse: «Eu vos darei de comer a minha carne e de beber o meu sangue». As pessoas não perceberam, não entenderam nada (era uma “ficha” extremamente difícil!) e muitos decidiram ir-se embora, confusos e desiludidos, cada um de volta à sua casa, ao seu porto seguro. Como muitas vezes acontece também connosco, que vamos atrás de uma coisa que primeiro nos atrai imenso e que depois largamos assim que o entusiasmo se evapora, ou surge uma dificuldade ou uma contradição (quantas coisas não começamos e largamos ao primeiro obstáculo...). Jesus, vendo esta “fuga”, volta-se para os seus amigos mais próximos, os discípulos, e pergunta-lhes: «Vós também quereis ir embora?». Então Pedro responde: «A quem mais poderíamos ir? Só tu nos explicas a vida como realmente é, só tu entendes a vida até ao fundo». Estão a ver? Não é que Pedro tivesse passado antes no exame de Medicina para depois conseguir responder de forma inteligente à pergunta que Jesus lhe fizera. Provavelmente, também Pedro, como os outros que se foram embora, não tinha percebido o significado daquelas palavras: «A minha carne e o meu sangue». Mas permanecer com Cristo foi fácil. Porque a vida – neste caso aquela vida “especial” que é o cristianismo – é uma coisa fácil e não vive de raciocínios elaborados reservados apenas a alguns: encontrar a diferença entre a água e o deserto é fácil. É uma coisa para reconhecer, antes ainda do que para perceber. Os discípulos viam que aquela relação triunfava sobre todas as outras de que era feita a sua vida. Também os discípulos, com efeito, tinham ligações e relações com muitas outras pessoas fora do círculo dos doze (porque eram pessoas normais!), colegas, outros pescadores, vizinhos, os paroquianos do Templo, as pessoas da rua, da praça, o chato que encontravam na esquina todas as manhãs, os pais dos amigos dos filhos, imensas relações, mas o vínculo com Cristo era para eles uma coisa que tinha em si algo de diferente, que acendera no seu coração uma esperança de vida irreplicável pela mão do homem, impossível de encontrar em qualquer outro sítio. Como descreve Bernanos: «O olhar divino pousou sobre nós, tão firme e terno: então, neste invólucro de instintos, de hábitos adquiridos ou herdados, na carne e no sangue, algo despertou e se moveu de uma vez por todas».¹³

Assim, aquela noite, os discípulos chegaram àquela casa chamada “cenáculo” para ceiar com Ele. Não devemos imaginar soldadinhos que chegam em parada a um *happening*, com um tapete vermelho reservado aos “vips”. Os discípulos chegaram tal como eram; chegaram ao cenáculo porque iam a casa de Jesus, para um serão entre amigos, como quando tu vais a cada de uma amiga e vais de fato de treino, à noite, para fumar um cigarro, porque o contexto é familiar, porque tu sabes que é amigo e que não precisas de ter armas à mão, mas vais tal qual como estás, desarmado. Os discípulos chegaram, cada um com os seus pensamentos, com »

¹³ Cf. P. Macchi, *Bernanos e il volto del male*, Bolonha: Ponte Nuovo, 1996, p. 30.

» os seus sentimentos, com as suas perguntas. Havia quem quisesse perguntar alguma coisa a Jesus, quem quisesse ser notado por Ele, outros que queriam simplesmente passar uma noite de festa juntos, pois a Páscoa estava próxima. Todos queriam estar com Ele, porque Ele, para eles, era como uma casa, uma “morada”, como aprendemos na Escola de Comunidade. Entre eles também estava Judas que, porém, naquela noite chegou irritado e tendo decidido no coração livrar-se de Jesus.

Nessa noite, Jesus, como costumava fazer, falou da vida, perguntou, ouviu, falava dos problemas do mundo, falava de Deus. Desta vez, porém, usou tons fortes, como se soubesse que alguma coisa importante estava para acontecer. Sabem quando alguém fala e conseguimos ver na sua cara que lá dentro há alguma coisa que o perturba, que não o deixa sossegado? A certa altura, Jesus fez também um gesto estranho, passando por entre os discípulos e lavando-lhes os pés, comportando-se como se fosse um servo. Eles ficaram transtornados. «Mas o que é que estás a fazer?», pensou Pedro, o amigo fidelíssimo, pronto para se alinhar com Jesus na vida e na morte. Porque diante de um amigo nós queremos mostrar que “valem”, que Ele pode contar connosco a 100%. Mas Jesus dirá mais tarde aos discípulos: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos».¹⁴

Assim que acabou esse momento, Ele retomou a palavra dizendo que iria embora, mas depois voltaria. Por fim, pediu-lhes que permanecessem com Ele; a única coisa que Jesus pede não são provas heróicas, mas: «Permanecei comigo, permanecei em mim». Também aqui, talvez os discípulos tenham vagamente intuído alguma coisa, mas uma coisa era clara: permaneceriam com Ele, como era óbvio que fosse, naquela noite e no dia seguinte. Não podiam imaginar uma coisa diferente; não podiam pensar numa vida sem Ele! Para nós, é incrível reparar na diferença, naquele momento, entre a consciência dos discípulos, ainda pequena, ainda uma semente (eles quase habituados à presença daquele amigo excepcional) e a de Jesus, que sabia que tudo estava prestes a cumprir-se com a sua morte. «Dar a vida pelos próprios amigos» não era só uma bela ideia, heróica, um grande ideal, mas era algo que estava para se tornar um facto real na pele de Jesus. Para quê? Para que a felicidade plena que eles viviam estando com Ele, que eles tinham começado a viver estando com Ele, pertencendo-Lhe, se tornasse definitiva e indelevel, independentemente do que acontecesse na vida deles, até uma pandemia.

Também a nós o Senhor fez e faz uma promessa de felicidade. Não só palavras bonitas, mas uma experiência presente, algo que passa pela materialidade das coisas. Vivamos, pois, juntos, estes dias com atenção, pedindo para estarmos presentes a nós mesmos, e com simplicidade. Não nos preocupemos se nos distrairmos, mas surpreendamo-nos se acontecer alguma coisa – como o Carrón antes nos recordava – que nós não produzimos, que não é o resultado do nosso esforço, mas que é como uma coisa nova que nos vem retomar, batendo à porta do nosso coração.

Tentemos também nós humildemente expressar o nosso desejo com o canto.

*Qui presso a te*¹⁵

¹⁴ Jo 15,13.

¹⁵ “Qui presso a te”, in *Canti*, pp. 121-122.